

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
12 DE JANEIRO DE 2023

TRÊS DIAS SEM DEUS / 1946

um filme de Bárbara Virgínia

Realização: Bárbara Virgínia / **Argumento:** Raul Paris da Fonseca, segundo "Mundo Perdido" de Gentil Marques / **Fotografia:** Tony-A.M.C. / **Montagem:** Lutero Aço / **Música:** Carlos Rocha Pires / **Intérpretes:** Bárbara Virgínia (Lídia), Linda Rosa (Isabel Belforte), João Perry (Paulo Belforte), Alfredo Ruas (Vicente, o pai), Maria Clementina (Teresa, a criada do castelo), António Sacramento (médico), Elvira Velez (Bernarda, a Feiticeira), Joaquim Miranda (Tadeu, o "charretier"), Laura Fernandes (Beatriz, a criada da escola), Jorge Gentil (Padre Alberto), Manuel Mariano (criança doente), Casimiro Rodrigues (Januário).

Produção: Invicta Filmes Independente / **Cópia** em 35mm, preto e branco (apenas banda de imagem, sem som / **Duração original:** 102 minutos / **Duração das seqüências a exhibir:** 25 minutos / **Estreia:** Cinema Ginásio, em 30 de Agosto de 1946.

Três Dias Sem Deus é apresentado com **A Caçada do Malhadeiro**, "folha" distribuída em separado).

Três Dias Sem Deus é um daqueles "casos" do cinema português que merece uma certa reflexão. Menos pela importância do filme, da qual não nos podemos pronunciar dado o que nos resta (3 partes de um total de 10, e apenas da banda de imagem, tendo da parte sonora apenas sobrevivido uma parte, que não corresponde às de imagem), mas exactamente por causa disso, de apenas restarem fragmentos. Apenas incúria (será?) poderá explicar o que lhe aconteceu, a mesma que vitimou muitos outros (só no cinema sonoro lembramos **O Trevo de 4 Folhas**, **Bocage**, **A Varanda dos Rouxinóis**, **Ave de Arribação**, **Porto de Abrigo**, **Vendaval Maravilhoso**. Ora em comparação com muitos dos outros seus contemporâneos, **Três Dias sem Deus** deveria ter sido objecto de um certo cuidado (já não direi "culto", como as comédias populares) devido à singularidade de que é objecto. Trata-se, por um lado, do primeiro filme realizado por uma mulher em Portugal, Bárbara Virgínia, formada no Conservatório, de talento multifacetado, teatro, cinema, música, intérprete do **Sonho de Amor**, de Carlos Porfírio (outro "missing film") e que, inesperadamente, a convite de uma nova companhia produtora, a Invicta Filme Independente, de Lisboa (sem nada a ver com a histórica Invicta, do Porto), assume a direcção desta adaptação de um romance de Gentil Marques. Recordemos que duas décadas antes uma outra mulher tivera um papel de destaque no cinema português, Virgínia de Castro Almeida, mas na função de produtora. Para além desta circunstância, o filme acompanhou **Camões** ao Festival de Cannes de

1946. Para além disso o filme foi razoavelmente bem recebido, por cá, pela crítica de então e pelo público.

Desleixo e incúria que nos impedem de avaliar com justiça de um filme, que talvez não ultrapasse a mediania do cinema português de então, mas que de aquilo se justificam algumas expectativas. Se o que se conhece do argumento nos faz prever um final decepcionante (a salvação *in extremis* de Belmonte, acusado de pacto com o diabo, e da professora, pelo padre e o médico, que mostram ao povo a capela interior) incapaz de jogar com o melodrama dos seus "modelos" (**Rebecca** e **Wuthering Heights**), já aquilo que se vê permitem colocá-lo num plano inédito do nosso cinema: a exploração da atmosfera gótica: o castelo tenebroso, o sombrio castelão, a sombra do passado, e a personagem, que nestes excertos não vemos, da mulher de Belmonte (aliás, voltando ainda ao argumento, porque os fragmentos nada dizem, esta personagem sofre de uma psicose, provocada por um acidente, e que a tornou parálitica, o que é outro tema do cinema gótico). Experiência única que, mesmo feita de forma rudimentar, consegue por vezes criar um certo clima dramático, que a iluminação, por vezes desequilibrada, reforça nalguns momentos (a primeira bobina que veremos, mostra alguns bons aproveitamentos de focos luminosos fora do plano, na tradição do filme gótico americano).

A ausência do diálogo e da música não nos permitem julgar da sua função na melhor ou pior credibilidade dada a essa atmosfera, mas o argumento (e as críticas) apontam o solo de piano da mulher de Belmonte que marca o fim do seu pesadelo e a cura psicológica.

Na ausência de todos esses elementos fica-nos a expectativa do que poderia ser **Três Dias sem Deus**, de Bárbara Virgínia, mas o que se vê deixa-nos a sensação de que se perdeu alguém que poderia ter feito obra "diferente" no cinema português.

Manuel Cintra Ferreira